

As práticas de leitura e de informação das pessoas que integram o coletivo de bibliotecas comunitárias “Releitura-PE”

Mariana de Souza Alves

Doutoranda; Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil;
mariana.souzaalves@ufpe.br; <https://orcid.org/0000-0002-3452-9629>

Resumo: Apresenta o que a biblioteca, a leitura e a informação representam para as pessoas que integram o coletivo Releitura-PE, por meio do sentido atribuído às suas práticas leitoras e informacionais. Utiliza pesquisa bibliográfica e exploratória para exibir quais são as bibliotecas comunitárias estudadas e discutir o que são práticas leitoras e informacionais. Usa, como instrumento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas, para recolher depoimentos das pessoas integrantes dessas bibliotecas, tais como gestores(as), educadores(as), mediadores(as) de leitura e interagentes, e analisa e categoriza os relatos por meio da técnica de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Expõe, em três categorias de análise, as formas de interação com a biblioteca, os sentidos da leitura e a apropriação da informação dos(das) integrantes da Releitura-PE. Aponta que a biblioteca comunitária é um lugar de convivência onde ocorrem significativas e ricas práticas leitoras e informacionais. Como equipamentos sociais, elas produzem, fomentam e compartilham tais práticas, a fim de fortalecerem as ações comunitárias locais e ampliarem as possibilidades e oportunidades das pessoas que nelas vivem. Conclui que as significações e as atribuições de sentido dadas, pelos(as) integrantes das bibliotecas, às suas práticas leitoras e informacionais refletem-se em suas ações sociais, evidenciando que as interferências contextuais, culturais e ideológicas participam, de maneira dialética, no modo como leem e se informam, bem como na forma como se relacionam com a biblioteca comunitária.

Palavras-chave: Comunidade; Leitura; Informação; Rede de bibliotecas; Pernambuco

1 Introdução

As bibliotecas comunitárias são frutos de iniciativas que surgem em comunidades de baixa renda ou lugares geralmente marginalizados, a partir da vontade individual ou coletiva de grupos da sociedade civil, de forma solidária e voluntária, para suprir as demandas de leitura desses locais. Outro motivo pelo

qual elas surgem é a falta de estrutura das bibliotecas escolares e a inoperância e distância das bibliotecas públicas em relação aos bairros mais periféricos (VIEIRA, 2007; MACHADO, 2008; CARNEIRO, 2016; FERNANDEZ, MACHADO, ROSA, 2018; RELEITURA, [2007?]).

Estudar as bibliotecas comunitárias como espaços públicos de informação torna-se relevante para a Biblioteconomia e para a Ciência da Informação (CI), já que elas se constituem locais de acesso à informação e cultura das classes populares, que, muitas vezes, por estarem geográfica e socialmente localizadas na periferia, são desprovidas da devida assistência social e educacional que o Estado tem a lhes oferecer por dever. Em função disso, tais grupos populares procuram desenvolver estratégias locais para enfrentar o desamparo do poder público, seja no campo da educação, da saúde, dos esportes, dentre outros.

Por serem espaços informacionais peculiares, as bibliotecas comunitárias demandam estudos e incentivos por parte da CI, a qual objetiva “[...] contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, trazendo desenvolvimento para as pessoas e nações, [existindo assim] uma responsabilidade social como fundamento para a ciência da informação definindo sua atuação na sociedade” (FREIRE, 2006, p. 17).

Assim sendo, dada a importância desempenhada pelas bibliotecas comunitárias, e por considerarmos que elas são espaços de leitura e informação, o objetivo deste artigo é apresentar as práticas de leitura e de informação das pessoas que integram o coletivo de bibliotecas comunitárias Releitura-PE, a partir da relação estabelecida com as bibliotecas e dos sentidos atribuídos à leitura e à informação.

Iniciamos a discussão tecendo uma breve reflexão acerca do que constitui teoricamente as práticas de leitura e de informação e, na sequência, apresentamos as bibliotecas comunitárias que fizeram parte da pesquisa. Em seguida, mostramos as práticas de leitura e de informação das pessoas que integram a Rede de Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana do Recife (RMR), em Pernambuco, Releitura-PE, as quais foram coletadas por meio de entrevistas e analisadas a partir da técnica de Análise de Conteúdo, de

Bardin (2008). Ressaltamos que os resultados apresentados são um recorte de um estudo mais amplo (ALVES, 2017), portanto, por questões de limitações de espaço deste artigo, foram destacados os elementos mais pertinentes ao objetivo aqui proposto.

2 Práticas leitoras e informacionais: atribuindo sentidos a partir das práticas sociais

Para compreender como a leitura e a informação relacionam-se no contexto das bibliotecas, utilizamos a noção teórica de Almeida Júnior (2007), para quem as bibliotecas têm como objetivo ou função social principal a promoção ou acesso à leitura, por meio da mediação. Tais mediações percorrem todas as ações internas e externas das bibliotecas e, conseqüentemente, dependem do ato da leitura para ocorrerem. Além disso, é por meio da leitura que se concretiza a existência da informação. Sendo assim, o ato da leitura proporciona a apropriação informacional. Desse modo, a Biblioteconomia e a CI dependem da leitura para significar suas ações, já que as duas áreas possuem a leitura como pilar de sustentação.

A leitura constitui, num plano individual, um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos que se estende desde a ação de decodificação de palavras escritas até a ação de compreensão e interpretação de textos. No plano social, por sua vez, as práticas de leitura implicam na utilização da leitura para conduzir, efetivar e produzir as práticas sociais (SOARES, 2018).

Considerando a leitura em sentido amplo, ou seja, abrangendo várias mídias e formas de expressão e para além do texto escrito ou da simples decodificação das letras, podemos compreendê-la como o ato de conferir sentido a algo – texto escrito, imagem fixa, imagem em movimento e som – cuja interferência de fatores sociais, históricos e culturais vão torná-la singular pelas condições sociais de produção do(a) leitor(a) (MARTINS, 1997; FREIRE, 2011).

Podemos dizer, conforme Orlandi (1998), que as condições de produção de leitura dependem da “[...] relação de posições histórica e socialmente determinadas – em que o simbólico (linguístico) e o imaginário (ideológico) se

juntam” (ORLANDI, 1998, p. 11). A autora salienta que as significações atribuídas ao texto possuem como instância constitutiva o lugar social dos(as) interlocutores(as). Isso quer dizer que o discurso de alguém se atrela inerentemente às suas formações ideológicas, e é essa posição socialmente ocupada por esse sujeito que proporcionará as diferentes leituras.

Desse modo, o(a) leitor(a) é um ser diverso e, portanto, singular no ato de ler. É relevante compreender que as maneiras de realizar a leitura e as significações decorrentes desse ato são permeadas por estruturas múltiplas. Ou seja, ler possibilita a emergência de diversas subjetividades. Dessa maneira, a leitura engloba tanto as experiências de cunho mais instrumental, tais como a apropriação da língua, a oportunidade de instrução, como também abarca experiências de natureza mais social e criativa, como, por exemplo, a construção da identidade e a ampliação das referências (PETIT, 2008).

Para Zilberman (2009) o ato de ler pode ser entendido, portanto, como uma apropriação do real, por envolver o convívio com a linguagem e por exigir o exercício de interpretação dos significados explícitos e implícitos ao texto. Ao se mostrar como uma representação simbólica do mundo, a leitura é sempre marcada por lacunas a serem preenchidas por quem lê, com sua vivência e imaginação (ZILBERMAN, 2009).

Assim, a ativação da dimensão mais imaginativa, criativa e libertadora da leitura é construída, sobretudo, pela leitura literária. Tal literatura utiliza a palavra para a criação de uma estrutura poética, ficcional ou dramática, por meio de um uso específico da linguagem, cuja intenção principal é proporcionar a apreciação estética e uma prática de questionamento do mundo. É por esse motivo que ela é defendida como um direito humano (CANDIDO, 2012), devido a sua capacidade de proporcionar reflexão, questionamento e consciência da nossa condição no mundo, confirmando, assim, a pessoa na sua humanidade.

Nesse caminho, as práticas de leitura podem ser apreendidas como um conjunto de elementos que formam uma situação de leitura concreta. Dado o seu caráter histórico e social, tais práticas são sempre mutáveis e diversas, e dão origem a investigações que se interessam por saber “[...] quem lê o quê, quando, onde, por que motivos, de que modos, com que intensidade”, em determinados

grupos e períodos específicos (BATISTA, 2020, *online*). Ademais, incluem as maneiras de ler e os modos de atribuição de sentido, cujas dimensões contextuais e históricas lhe são inerentes.

Para formular a noção de práticas de informação, adotamos a perspectiva de Almeida Júnior (2009), anteriormente apresentada, ao aludir que a elaboração da informação necessita do ato da leitura. A informação ocorre por meio do processo da leitura e existe no intervalo entre o contato do leitor(a) com o suporte informacional. É ele(a) quem determina a existência da informação e quem se apropria dela. Para isso, é necessário um processo de mediação que possibilite a significação, cujo movimento ocorre em interação com outras pessoas e com o contexto.

Sabemos que a informação está presente nas práticas sociais, e que todas as pessoas, de alguma forma, interagem com ela. Historicamente, a noção de informação esteve relacionada às concepções de construção de uma ideia, de instrução ou de comunicação de algo. Atualmente, de modo geral, os estudos científicos da área da CI caracterizam o fenômeno da informação num sentido objetivo, cognitivo ou social (CAPURRO; HJØRLAND, 2007).

Tal noção, do ponto de vista das práticas informacionais, é fundamental por compreender a informação como um fenômeno multifacetado, pois não se pode prescindir a sua materialidade e a sua dimensão cognitiva das práticas sociais, muito menos de seu caráter social, visto que a interpretação que se faz da informação está diretamente associada aos contextos sociais e culturais de produção das pessoas que interagem com ela.

A partir desse entendimento, os estudos das práticas sociais partem de uma proposta subjacente aos estudos de usuários da informação que buscam dar mais atenção às variáveis históricas, sociais e culturais que circundam o processo informacional, dado que tanto os sistemas como as pessoas são formadas por esses contextos, e estes, por sua vez, dialeticamente, também interferem no processo informacional. Com isso, a proposta epistemológica das práticas informacionais parte de uma análise mais ampla de investigação das práticas de informação, cuja abrangência inclui não apenas os espaços

tradicionais de uso de informações, mas também outros ambientes por onde elas circulam.

É sabido que as práticas informacionais se sustentam numa perspectiva da abordagem prática, cujo destaque é para a perspectiva sociológica de olhar o contexto como uma instância em que a vida social se desenvolve, sem uma visão determinante ou totalitária desse contexto, “[...] permitindo assim que a ação individual tenha valor, e também, dando espaço para a mudança e contingência” (COX, 2012, p. 182). Assim, o conceito de práticas informacionais procura reconhecer a natureza social da busca da informação para a resolução de um problema, ao invés de focar apenas nas ações de informação motivadas por necessidades informacionais individuais (COX, 2012).

Em razão disso, partimos da compreensão de que a informação se revela como o resultado da interpretação que se faz da realidade, e que, dessa forma, sua construção ocorre num plano individual e social, de maneira dialética, entre a objetividade da realidade e a significação subjetiva que lhe é atribuída pelas pessoas (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Para o desenvolvimento deste estudo, partimos, ainda, do conceito de contexto integrativo/relacional, cunhado por Courtright (2007), a qual o define como um quadro amplo, em que os fatores institucionais, tecnológicos, culturais e situacionais são elementos motivacionais ou limitantes do processo de busca, uso e compartilhamento da informação, e, além disso, defende que as pessoas não são apenas formadas pelo contexto, mas também o constituem.

Por fim, concordamos com Savolainen (2007), quando este afirma compreender as práticas informacionais como um conjunto de maneiras, social e culturalmente estabelecidas, pelas quais as pessoas buscam, localizam e compartilham as informações, disponíveis nas mais variadas fontes. O autor também foca no compartilhamento e na produção de informação na vida cotidiana transcendendo para ambientes diferentes de unidades de informação.

Além disso, a abordagem das práticas concebe a pessoa como uma protagonista social que utiliza a informação de forma competente e letrada, fazendo relações e inferências. É nesse sentido que trazemos a consideração de

Castrillón (2011), que reconhece a informação como um elemento presente na biblioteca, manifestando-se tanto por meio de informação científica, informação utilitária ou notícias. É por meio destas últimas que pessoas criam os imaginários sobre o mundo, e é com essa informação que formam ou deformam sua opinião. A autora supracitada defende que, embora esse tipo de informação circule sem que a biblioteca consiga acompanhar o cidadão ou a cidadã numa prática de leitura crítica, seria pertinente que a biblioteca possibilitasse a discussão pública de temas que são tratados superficialmente, manipulados ou muitas vezes negados pela mídia.

Propomo-nos, então, a investigar em que medida essas concepções de leitura e informação podem ser relacionadas com as ações das pessoas que integram o grupo de bibliotecas comunitárias Releitura-PE. Optamos por considerar, para esta pesquisa, o uso do termo *interagente* em detrimento do termo *usuário* (CORRÊA, 2014), pelo fato de o primeiro pressupor as ideias de participação e de troca, tão características do contexto atual e evidenciadas no contexto das bibliotecas comunitárias.

Dessa forma, ao tratarmos de práticas de leitura e informação das pessoas que integram o coletivo Releitura-PE, queremos identificar as particularidades e os aspectos comuns dessas ações, a partir do atributo do significado e da relação contextual nelas estabelecidas. Ou seja, buscamos entender o processo de apropriação leitora e informacional realizado por essas pessoas, a partir da atribuição de sentido e do exercício interpretativo das práticas sociais cotidianas.

3 As bibliotecas da Releitura-PE

O movimento de bibliotecas comunitárias, entendendo-as como espaços de convivência e acesso à leitura e à informação surge, dentre outros motivos, em função da insuficiência de cobertura de bibliotecas nas regiões periféricas urbanas e rurais das cidades brasileiras, o que implica em poucas bibliotecas para a demanda e as que existem não conseguem atender de modo suficiente os bairros de cada cidade. Além disso, esses espaços ainda sofrem com a ausência

ou a manutenção precária, por parte do poder público, o que termina por interferir em seus funcionamentos.

Entretanto, apesar das bibliotecas comunitárias terem como característica a não intervenção do poder público e funcionarem em espaços físicos reduzidos, eles conseguem atingir em um nível mais profundo as pessoas de suas comunidades, e, conseqüentemente, gerar transformação social, uma vez que se localizam próximo as residências dessas pessoas e conseguem mapear as necessidades de seus(suas) moradores(as) de maneira mais adequada.

Conforme Suaiden (1995), a biblioteca pública não consegue alcançar sua verdadeira função social por não manter uma aproximação com as comunidades em que estão localizadas, e, além disso, não consegue estender e interiorizar seus serviços para atender as zonas rurais e periféricas. Almeida Júnior (1997) também sinaliza que, historicamente, no contexto brasileiro, a biblioteca pública preservou e reproduziu os interesses da classe dominante, além de negligenciar os interesses da população.

No caso das bibliotecas escolares, prevalece tanto sua ausência quanto a inoperância, em muitas regiões do país (CAMPELLO *et al*, 2012). Vieira (2007) relata, inclusive, que muitas bibliotecas comunitárias foram criadas para atender a demanda de pesquisas escolares, e passaram por um processo de escolarização semelhante ao das bibliotecas públicas. Assim, muitas bibliotecas comunitárias, “[...] pelo grande número de atendimentos a estudantes e orientação de pesquisa escolar, na verdade, apenas cobrem a lacuna deixada pela ineficiência das bibliotecas escolares” (VIEIRA, 2007, p. 77).

O cenário pernambucano revela bem esse quadro. Partindo de um recorte local da Região Metropolitana do Recife, considerando os três municípios mais populosos, Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes, o site da Releitura relata que existem apenas seis bibliotecas públicas. Dentre elas, apenas uma é estadual e as outras cinco são municipais, sendo três delas situadas em Recife, para atender a uma população de cerca de dois milhões e meio de pessoas. Quanto às bibliotecas comunitárias, desde os anos 2000, surgiram pelo menos onze iniciativas, nos três municípios citados, e esse número vem aumentando (RELEITURA, [2007?]).

Esses são alguns dos motivos pelos quais as bibliotecas comunitárias surgiram e continuam a manter seus espaços, que, apesar das adversidades, destacam-se em termos de qualificação das equipes, enraizamento comunitário, formação de leitores e leitoras e ações culturais de alto impacto nas comunidades, como evidenciado na pesquisa de Fernandez, Machado e Rosa (2018).

Nesse tocante, o trabalho das bibliotecas comunitárias relaciona-se com a proposta de biblioteca popular de Freire (2011), ao atuarem como centros de cultura, cuja finalidade é o acesso e a promoção da leitura, estimulando a significação e o pensamento crítico. Outro pilar com o qual podemos associar as atividades da biblioteca comunitária é o conceito de ação cultural de Flusser (1983), que busca, por meio da promoção da arte e da cultura, desenvolver a autonomia do grupo e sua dimensão política. Por fim, Pinto (2013) defende que as bibliotecas comunitárias são dispositivos de ação, ambientes vivos de memórias e práticas e possibilitam a emancipação e subversão de suas comunidades.

Feitas essas considerações, apresentaremos as quatro bibliotecas comunitárias, das sete que compõem a Releitura-PE, com as quais realizamos a pesquisa. O coletivo de bibliotecas Releitura surgiu em 2007 com o objetivo de articulação, qualificação e aprimoração mútua das bibliotecas em prol do fortalecimento de comunidades leitoras. De forma breve, descrevemos cada uma dessas quatro bibliotecas.

A **Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura** está localizada no bairro Alto José Bonifácio, Zona Norte do Recife. Ela foi criada em 2004, a partir da iniciativa de um morador da comunidade, o educador social Fábio Rogério Silva, em parceria com outras instituições. Como não possui espaço próprio, a biblioteca funciona em um local alugado. Seu acervo possui cerca de 1.500 itens (NOSSA..., 2016).

O Alto José Bonifácio possui aproximadamente 18 mil habitantes, em uma área de 57,7 hectares (MELLO, 2012). O bairro não possui nenhuma biblioteca pública e as que existem na cidade são bem distantes da comunidade, ficando a mais próxima, a Biblioteca Popular de Casa Amarela, a cerca de três

quilômetros de distância, totalizando 25 minutos de ônibus ou cerca de 40 minutos a pé. Em relação às escolas públicas, das três que existem na localidade, apenas duas possuem bibliotecas, e, dentre essas duas, uma não funciona e outra não tem condições de prestar atendimento à comunidade (BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA, 2013).

A **Biblioteca Comunitária do Centro de Educação Popular Mailde Araújo** está localizada no bairro de Brasília Teimosa, Zona Sul do Recife, e foi criada em 2006 por pessoas que fundaram o Centro, que é uma Organização não Governamental (ONG) sem fins lucrativos, que surgiu em 1982, inicialmente como escola comunitária, e hoje atua como Centro de Educação Popular (CEPOMA, 2008). A biblioteca possui espaço físico próprio. Seu acervo contém cerca de 3.500 itens (SANTANA, 2016).

O bairro citado se localiza entre os bairros do Pina e do Porto de Recife e possui cerca de 19 mil habitantes, que vivem em uma área de 61 hectares, conforme dados de 2010 (RECIFE..., [2012?]). A teimosia estampada no nome faz referência ao processo de ocupação e persistência que seus moradores e moradoras, sobretudo pescadores e pescadoras, tiveram no final dos anos de 1950, quando resistiram às ameaças de despejo, destruição e incêndio dos barracos na antiga favela do local (GRZYBOWSKI, 1989).

A **Biblioteca Multicultural do Nascledouro**, localizada em Peixinhos, bairro situado na divisa entre Recife e Olinda, foi criada em 2000 por jovens da comunidade, e é uma ação permanente do Movimento Cultural Boca do Lixo (MCBL), o qual mantém a gestão do espaço até hoje (RELEITURA, [2013]). A biblioteca ocupa um espaço público, mas não possui espaço físico próprio. O acervo conta com aproximadamente 7.000 itens (OLIVEIRA, 2016).

O bairro mencionado é considerado o segundo maior bairro da cidade de Olinda e um dos mais populosos da RMR, possuindo atualmente 36.133 habitantes. Conta com 54 mil hectares de área territorial (RECIFE..., [2010?]). Apesar de ser um dos principais polos comerciais de Olinda, Peixinhos já foi conhecido como um dos bairros mais violentos da região e possui graves problemas de infraestrutura, segurança e outros serviços básicos. Atualmente, o bairro se mantém, sobretudo, pela atividade comercial, representada por

pequenos comércios, feiras e lojas (BIBLIOTECA MULTICULTURAL NASCEDOURO, 2007; MACHADO, 2003).

A **Biblioteca Popular do Coque**, localizada na Ilha Joana Bezerra, na região centro-sul do Recife, foi criada em 2006 pela moradora Maria Betânia Andrade, junto com instituições parceiras (RELEITURA, [2013]). A biblioteca não possui espaço próprio, mantém um espaço alugado e seu acervo contém cerca de 2.500 itens (ANDRADE, 2016).

A comunidade citada possui cerca de 40 mil habitantes, numa área de 133 hectares (COQUE VIVE, [2007?]). O local tem um histórico marcado por um forte índice de violência e crime, resultado dos graves problemas de saneamento, moradia, meio ambiente, educação e saúde que levam o bairro a ser alvo de preconceitos por parte da mídia, a qual atribui constantes adjetivações negativas à comunidade (COQUE VIVE, [2007?]; FREITAS, 2005). Contudo, a comunidade tem conseguido mudanças significativas em relação a este cenário, graças aos esforços de seus moradores e moradoras, e uma maior presença do Estado (MENDES, 2011). Desse modo, apesar da forte exclusão social e dos altos índices de violência urbana, a população vem lutando para mudar tal quadro, que vem se alterando, por meio de diversas ações e iniciativas.

A manutenção das bibliotecas comunitárias da Releitura dá-se por meio de apoio de instituições privadas (nacionais e internacionais) ou por meio de participação em editais ou prêmios promovidos por governos (esfera federal ou estadual). No entanto, todas essas ações são pontuais, pois não garantem a sustentabilidade contínua das bibliotecas. Além disso, contam com a colaboração solidária da comunidade, com doações de todas as naturezas, desde itens de mobiliário a itens alimentícios. A aquisição de acervo ocorre tanto por meio de doação como por meio de compra com os recursos de editais específicos ou os recursos oriundos dos outros projetos.

4 Metodologia

Conforme já ressaltado, este estudo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla (ALVES, 2017). Para o alcance dos objetivos propostos, realizamos levantamento bibliográfico e exploratório, tanto para definir as

categorias teórico-conceituais de análise quanto para fundamentar a análise dos depoimentos. Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. A coleta dos depoimentos ocorreu do dia 30 de setembro ao dia 07 de dezembro de 2016, com 31 pessoas¹. Em seguida, fizemos a transcrição, análise de conteúdo e categorização dos relatos, por meio da técnica de Análise de Conteúdo, estruturada por Bardin (2008).

Por se tratar de um extrato de um trabalho mais amplo, as 19 pessoas que entraram neste recorte foram aquelas que se enquadraram nas categorias de análise que serão descritas nos próximos parágrafos, cujo fundamento são suas práticas leitoras e informacionais. Fizeram parte desse recorte quatro gestores(as), sete mediadores(as) de leitura, uma educadora e sete interagentes das quatro bibliotecas comunitárias.

Os depoimentos apresentados são resultados das entrevistas semiestruturadas, a partir das quais buscamos compreender inicialmente a relação dos(as) participantes com a biblioteca comunitária, com a leitura e com a informação. Os(as) entrevistados(as) foram convidados(as) a responder como conheceram a biblioteca comunitária e como se dá sua participação nesse espaço; sua relação com a leitura; suas formas de se informar; quais fontes e suportes utilizados; e qual o significado e a relevância que a biblioteca, a leitura e a informação têm em suas vidas.

A sistematização dos dados foi feita a partir da transcrição das entrevistas e posteriormente seguiu a estrutura sugerida por Bardin (2008), que a divide em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Assim, utilizou-se o modelo temático-categorial de análise, por ser uma análise de conteúdo que implica operações de desmembramento de texto, seccionando-o. Posteriormente, as ideias similares foram agrupadas e colocadas em destaque no texto para melhor entendimento. Para fins deste artigo, foi feita a seguinte categorização: *Relação com as bibliotecas: da vivência à convivência; Sentidos da leitura: do ser ao fazer; e Apropriação da informação: da seleção à ação.*

Em se tratando do perfil dos entrevistados e entrevistadas, temos o seguinte: todos(as) eles(elas) residem na RMR, a maioria em Recife (11) e em

Olinda (8). A formação e a ocupação dos(as) gestores(as) e mediadores(as) de leitura das bibliotecas é heterogênea, contemplando, em sua maioria, áreas ligadas à Educação: Pedagogia, Biblioteconomia, Geografia, Filosofia, Letras e Jornalismo. Os níveis escolares vão desde o Ensino Médio (1), Graduação (6), Magistério (1), Especialização (1) ao Mestrado (3). Cerca de três pessoas possuem envolvimento de mais de dez anos com as bibliotecas, e nove possuem ligação de até dez anos.

Sobre os(as) interagentes das bibliotecas, a faixa etária variou de 11 a 25 anos, com níveis de escolaridade entre o 2º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio completo. Seis são estudantes, e um é artista de rua. Um deles mora sozinho e os(as) outros(as) moram com até sete pessoas em casa.

Os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes de personagens literários de romances da literatura brasileira, escolhidos pela autora deste estudo, a fim de manter o anonimato dos participantes, preservando apenas o sexo. Por essa razão, sempre que fizermos referência às pessoas, portanto, vamos identifica-las apenas pelo nome fictício e por sua categoria, sem identificar a biblioteca à qual se vincula, tendo em vista as equipes das bibliotecas serem pequenas, e as funções de cada um(a) amplamente conhecidas.

5 As práticas leitoras e informacionais das pessoas envolvidas com as bibliotecas comunitárias

Nesta seção, apresentamos como ocorre a interação com a biblioteca comunitária, a leitura e a informação pelas pessoas interpeladas e o que essas três instâncias representam para esses(as) integrantes, a partir das três categorias de análise: *Relação com as bibliotecas: da vivência à convivência*; *Sentidos da leitura: do ser ao fazer*; e *Apropriação da informação: da seleção à ação*.

5.1 Relação com as bibliotecas: da vivência à convivência

Destacamos nesta categoria como ocorre a interação das pessoas com a biblioteca comunitária. As perguntas norteadoras foram: Como é sua relação com as bibliotecas públicas e escolares? Como você conheceu a biblioteca comunitária? Ela é relevante para você? Se sim, por qual motivo? Mostraremos,

então: a relação com as bibliotecas públicas e escolares, a relação com a biblioteca comunitária e o que esta última representa para seus(suas) integrantes.

As **bibliotecas públicas municipais e estaduais** já foram muito utilizadas pelos(as) partícipes desta pesquisa. Todavia, foi relatado que o afastamento do uso dessas bibliotecas foi ocasionado, devido: à falta de condições físicas e estruturais do espaço; ao acervo de pouca qualidade e sem atualização; a distância de suas residências e à falta de atendimento interpessoal adequado. Outro motivo elencado para o não uso das bibliotecas públicas em detrimento das bibliotecas comunitárias foi a qualidade e a riqueza do acervo de literatura da Releitura-PE, elencadas pelo mediador Miguel, que não são encontradas nas bibliotecas municipais das cidades de Olinda e de Recife: “[as bibliotecas públicas estaduais e municipais] são bibliotecas que são centrais e são bibliotecas que a população [...], que tá nas periferias, não tem acesso. Como estratégia de formação de leitores, as bibliotecas comunitárias fazem a ponte mesmo, estão na ponta desse processo de sensibilização à leitura”.

Tais motivos elencados pelos(as) depoentes foram apontados no nosso referencial teórico, através das contribuições de Suaiden (1995) e de Almeida Júnior (2007), ao afirmarem que a Biblioteca Pública não conseguiu estender e interiorizar seus serviços às comunidades da zona periférica e rural, o que causou o desinteresse desses grupos por frequentar esses espaços. Além disso, a falta de condições para acessar esses espaços e a distância impedem que essa interação seja feita de forma mais intensa e frequente.

No que diz respeito ao uso de **bibliotecas escolares**, como a maioria dos(as) interagentes entrevistados(as) estava em fase escolar, duas delas apontaram que a biblioteca da escola ou estava fechada, sem funcionamento, ou não funcionava exatamente como biblioteca. Vejamos o relato da interagente Lorena: “Na escola tem biblioteca, mas [...] tem mais livro didático e é mais usada como uma sala de castigo, quando alguém faz uma coisa na sala, aí leva para lá ou para a diretoria”.

Para outras duas interagentes, as bibliotecas de suas escolas funcionavam bem, possuíam bom acesso e bom acervo, de acordo com as avaliações delas. Para Isabel, a única diferença entre a biblioteca comunitária e a da sua escola é

que a primeira era mais próxima de sua casa e ela podia pegar mais livros emprestados ao mesmo tempo, ao passo que a segunda só permitia um. Vemos, aqui, em concordância com o afirmou Vieira (2007), que a biblioteca comunitária possui uma demanda da clientela escolar, seja como suporte para atividades didáticas ou como fonte de obras literárias.

No que se refere ao acesso das pessoas às **bibliotecas comunitárias**, notou-se que a descoberta desses espaços se deu, tanto por já trabalharem nelas, como no caso dos(as) gestores(as) e dos(as) mediadores(as), como pela proximidade, no caso dos(as) interagentes. A adesão e a permanência, por sua vez, ocorreram devido à qualidade do acervo, da ambiência e do atendimento, o que fez com que esses(essas) interagentes priorizassem o uso dessas bibliotecas, em detrimento dos outros espaços de leitura da cidade.

Assim, a biblioteca comunitária, ao fazer parte da vida desses(as) leitores(as), permitiu uma apropriação cada vez maior do espaço e da leitura, e a ampliação do leque de conhecimento sobre obras e autorias. Para o gestor Sérgio, a biblioteca trouxe o conhecimento de certos gêneros que ele não conhecia, como literatura africana e indígena. Para o mediador Miguel, o espaço de leitura trouxe o interesse pela poesia, além de uma “formação política e uma formação humana”. A participação da biblioteca comunitária no processo leitor do mediador Augusto foi fundamental, pois, diz ele: “como não tenho condições de comprar, a biblioteca oferece esse acesso”. O interagente Manuel conclui dizendo: “acho que se não fosse aqui eu não teria contato com tantos livros que me fizeram pensar”.

Observamos, nesses relatos, que, para além de um depósito de livros, a biblioteca comunitária procura desenvolver formas de leitura que atuem em consonância com seu contexto, incentivando a autonomia e o pensamento crítico (FREIRE, 2011). Além disso, conforme Flusser (1983), esse ambiente de leitura e informação busca incentivar uma cultura literária viva, e não somente oferecer livros. Essa vivacidade se dá não apenas com ações de mediação de leitura e apoio escolar, mas, também, no fato de ser um espaço com o qual a comunidade pode contar, para estar, conversar e conviver, como indicado pelos depoimentos seguintes.

As(os) interagentes mais jovens demonstram que essa troca se dá em distintos níveis de interação. Severino diz que, a biblioteca “é um lugar que se você parar para pensar, eu estudo, eu me divirto, eu aprendo, eu esvazio a mente”. O interagente Fabiano declara: “Eu não tenho paciência para ler livros. Eu venho para cá [para biblioteca] tanto para ficar no lazer como para estudar”. Já Dora diz: “Antes, eu não me interessava por leitura. Eu tenho livros, só que eu não me interessava. Aí, quando eu cheguei aqui, todo mundo aqui lê, então agora eu me interessei por leitura, pego livro para ler”. O mesmo se aplica a Lorena: “Eu lia, mas eu não lia muito, e agora eu tô lendo mais”.

A **interação**, aqui, como uma ação recíproca em que há troca e transformação dos elementos em contato, é revelada nos discursos dos(as) interagentes, que têm a biblioteca como um espaço de muitas possibilidades. Nos relatos, a biblioteca é tida como um local seguro que possui pessoas em quem os(as) interagentes podem confiar e a quem podem recorrer para pedir indicação de livros. É caracterizada como um espaço para fazer pesquisas escolares, para pedir uma palavra amiga ou até mesmo para fazer travessuras ou para fugir das mães e pais. Para além de uma passividade, de apenas entrar e sair do espaço, essas bibliotecas mostram-se como espaços vivos e de permanência, em que os(as) interagentes expressam admiração e gratidão à equipe dessas instituições pelo cuidado, acolhimento e atenção dispensados a eles(as), não encontrados em outros espaços informacionais, conforme relataram.

Assim sendo, em relação ao uso de espaços informacionais para ler e se informar, observamos um cenário em que o uso de outras bibliotecas é bem restrito, estando a maioria das pessoas em contato apenas com as bibliotecas comunitárias da Releitura, e é com elas que mantêm o maior vínculo. A biblioteca apresenta-se para a comunidade como esse lugar de pertencimento, cujas vantagens de uso e interação incluem: a própria ambientação, que mesmo em espaços pequenos são elaborados e decorados de forma aconchegante e propícia ao público leitor; a equipe da biblioteca, com atendimento prestativo por parte da equipe, o que constituiu para esta um desafio cotidiano de aprendizados e trocas; o acervo diversificado e diverso em termos de gêneros

textuais e temáticas; a oportunidade de encontro com colegas, entre tantas outras razões que promovem a convivência comunitária.

5.2 Sentidos da leitura: do ser ao fazer

Os sentidos que a leitura representa, para cada partícipe deste estudo, apresentaram-se como uma proposição complexa, que envolve uma pluralidade de motivos, já que a leitura, em sua multiplicidade, permite concepções singulares e causa sentimentos distintos em cada ser. A pergunta norteadora abordada nesse bloco foi: A leitura é importante para você? Se sim, por qual razão? Assim, destacamos nesta categoria as seguintes facetas leitoras: leitura como forma de humanização (alteridade e subjetividade), leitura em sua dimensão pragmática e leitura como forma de politização.

A consideração de que a literatura é algo essencial para a sobrevivência espiritual humana foi declarada, pelo mediador Leonardo, como o principal motivo da relevância da leitura em sua vida: “A leitura é como beber água. Se você deixa de beber água, você vai ficar com sede, vai morrer, desidratar. Então, se você deixar de ler, eu acho que você se torna uma pessoa menos criativa, mais apática com o mundo, mais apática com você mesmo”. Ou seja, a necessidade vital de ler para viver é colocada por ele, no mesmo patamar de qualquer necessidade biológica, sob pena de desintegrar seu estado psíquico e criativo. É isso também que afirma Candido (2012) — defensor da literatura como um direito humano —, ao aludir às categorias de bens compressíveis e incompressíveis, quando elenca, ao segundo grupo, os bens que asseguram não somente a sobrevivência física, mas que garantem, além dela, a integridade espiritual.

As pessoas entrevistadas também identificaram na prática de leitura o poder da **alteridade**. Assim, revelaram a faceta humanizadora da leitura, por meio da capacidade de “se colocar no lugar do outro”. Como disse o mediador Vicente, “acho que quando você lê, você conhece, você vive outras situações [...] você se coloca em outros personagens”. É a passagem de um lugar cômodo, para conhecer a realidade do outro, desmistificando muitos preconceitos, que a interagente Carolina também evoca em sua fala: “Você consegue ter mais

pontos de vistas das coisas e a entender também o lado do outro, de não só conhecer a si, mas conhecer o outro também”.

No que tange à contribuição da leitura para construção e conhecimento de si mesma, da própria história e do próprio futuro, temos o relato de duas mediadoras. Esse também foi um dos aspectos mais frequentemente mencionados pelos jovens entrevistados por Petit (2008) em seu livro “*Os jovens e a leitura*”. “Conhecer-se um pouco melhor, poder pensar-se em sua subjetividade, manter um sentimento de individualidade [...]” são fatores que, além de fortalecer o nosso próprio reconhecimento, tornam-nos menos submissos a relações totalizadoras de um modelo religioso, étnico ou territorial, diz a autora (PETIT, 2008, p. 73).

O depoimento da mediadora Estela revela não só a importância da **subjetividade** leitora para a construção do presente, mas também para a criação do futuro que se pretende trilhar. Citamos suas palavras:

Quando você tem leitura, quando você tem mais histórias, sua visão de mundo se amplia [...] Não é nem só a questão de que “Ah, vá ler para ser alguém na vida”, ser alguém todo mundo já é. Mas assim, vá ler para você poder ter autonomia, ser um cidadão mesmo autônomo. Não é porque você vai ter um futuro, mas você poder criar o seu futuro, porque você tem mais informações. Quanto mais informação, maior a sua visão de mundo, mais você vai ter autonomia para escolher o que você quer, para criar e ser o condutor mesmo da sua própria vida.

O relato da educadora Ana Clara sintetiza o fato de que a historicidade e o lugar de fala de cada pessoa (ORLANDI, 1998) vão interferir no modo de conhecer-se a si mesma, na relação com as outras pessoas, na sua forma de ensinar e na leitura do mundo:

Eu faço a minha história, eu posso ler a mesma coisa com você, mas eu estou lendo com os meus olhos, com as minhas concepções, com os meus conhecimentos, com os meus sentimentos. Possa ser que você leia a mesma coisa e não sinta nada do que eu senti. Então, para mim, leitura é primordial. E outra, a partir da leitura é que a gente vai descobrindo as coisas do mundo, é a partir de ler e da leitura do outro, da leitura do mundo que eu faço que eu vou me descobrindo, que eu vou me achando, que eu vou me encontrando, que eu vou podendo ensinar. Eu não vou poder ensinar nem lidar com nenhuma situação se eu não fizer a leitura de nada, não só das letras, mas do mundo em si, fazer leitura das situações, do que a gente ouviu, que leitura eu vou fazer daquilo?

Quanto à dimensão da leitura para **fins pragmáticos de apropriação da língua**, as pessoas entrevistadas, sobretudo aquelas que ainda estão no período escolar, destacaram o lado mais utilitário desta atividade, como ler para argumentar ou escrever melhor, por exemplo. Ler para melhorar o domínio da norma padrão, conhecer novas palavras, fazer boas redações, aprimorar a leitura e a escrita, bem como o falar ou se expressar em público, foram argumentos citados e compreendem a faceta mais racional da leitura, conforme descrita por Martins (1997). Cerca de sete pessoas relataram, ainda, terem aprendido a ler e a escrever dentro da biblioteca. Para o mediador Leonardo, a leitura também contribuiu para

o modo de lidar com a escrita, essa coisa mais pragmática, escrevo muito melhor a partir dessa experiência, leio muito melhor, posso compreender os mecanismos de controle, de gestão, de prática de mediações de leitura, ampliou meu repertório de leitura, de títulos, minha relação com a literatura infantojuvenil.

No caso da mediadora Sofia, a importância da leitura para o trabalho de mediação é imprescindível: “Eu não consigo conceber um professor que não lê, um professor que não é pesquisador. Como eu também não consigo conceber um mediador de leitura que não é leitor. Como é que você vai incentivar alguém a ler, se você não lê?”

Já Sérgio destaca a **críticidade e o processo de politização** que a leitura desenvolve nas pessoas: “A leitura, essa leitura política que a gente teve, não só dos livros, mas a leitura que a gente traz para cá, para a discussão das bibliotecas comunitárias, foi o que nos manteve até hoje nesse espaço”. Em seu relato, o gestor faz referência ao empoderamento político que obtiveram por meio da leitura, que lhes possibilitou ter posicionamento crítico e resistência frente às adversidades e ameaças pelas quais a biblioteca passou na luta pelo espaço, muito mencionada entre os(as) integrantes da biblioteca da qual o gestor Sérgio faz parte.

Depreende-se, da relação dessas concepções com as facetas de leitura identificadas, que a leitura representa uma forma de mudança pessoal na vida dessas pessoas, alterando suas percepções de si mesmas e do mundo. Considerando o contexto comunitário e social em que essas pessoas estão alocadas, essas mudanças interferem diretamente no modo como elas efetivam

suas práticas sociais. Dito de outro modo, o *lôcus* social e as condições sociais de produção dessas pessoas, quais sejam gestoras(es), professoras(es), mediadoras(es) ou interagentes de bibliotecas comunitárias localizadas em bairros periféricos, são afetados a partir das leituras e das vivências de que essas pessoas estão permeadas. Assim, a necessidade de ler como algo cotidiano e indispensável à sobrevivência, a importância de ler para o trabalho da mediação de leitura, bem como a leitura como contribuinte do despertar crítico e político revelam práticas de leitura desempenhadas por essas pessoas que inerentemente ecoam em suas ações individuais e comunitárias.

5.3 Apropriação da informação: da seleção à ação

Esta última categoria irá tratar das práticas de informação das pessoas integrantes das bibliotecas comunitárias. As perguntas norteadoras deste bloco foram: De que forma acontece sua interação com a informação. A partir de quais fontes e canais? Apresentaremos, então, os depoimentos reunidos a partir das seguintes facetas: a interação com meios impressos e digitais; a dimensão informativa da competência e criticidade; e a natureza social da interação com a informação.

Considerando a afirmação de Almeida Júnior (2007, p. 2), para quem a informação “[...] só pode se realizar, se fazer presente, se concretizar, com base e fazendo uso da leitura [...]”, os dados de nosso estudo confirmaram que, de fato, a leitura foi apontada como a forma principal de se ter acesso à informação, por meio dos seguintes canais: livros, jornais, revistas, bases de dados, encontros científicos, portais de notícias e redes sociais. Considerando a leitura em sentido amplo, e não apenas nas formas escritas anteriormente citadas, podemos incluir, nesse rol, a TV, o rádio e outras pessoas como as três outras formas mais citadas de acesso à informação, por parte de nossos(as) entrevistados(as). Vejamos:

Para livro, literatura, acesso mais as bibliotecas mesmo (Leonardo, mediador).

Os livros [impressos e digitais] ainda são a minha base principal, apesar de utilizar muito a internet (Sofia, mediadora).

Leio jornal [impresso] ainda (Emília, gestora).

Artigo, notícia, sites de jornais e revistas [...] *Youtube* também, *Spotify*, redes sociais (Leonardo, mediador).

Faço pesquisa com pessoas que eu conheço (Conceição, gestora).

A melhor estratégia de você se manter informado é estar com as pessoas, conversando com as pessoas (Sérgio, gestor).
Eu gosto muito de procurar informação assim, conversando mesmo, pelo computador e com as pessoas (Glória, gestora).

No que tange aos fatores institucionais, tecnológicos e culturais ligados ao contexto (COURTRIGHT, 2007), podemos considerar que os(as) participantes deste estudo transitam facilmente entre os **materiais impressos e digitais**, sabendo utilizá-los, de acordo com a especificidade, autoridade e atualização do suporte, porém prevalece a interação com os meios eletrônicos. Percebe-se, também, que todos(as) que responderam a essa pergunta possuem acesso a equipamentos como smartphones ou computador, e acesso à rede de internet, sinalizando que suas condições sociais permitem o acesso à informação por esses meios, e que o digital, como constructo tecnológico e cultural, faz-se presente em suas práticas:

Por via digital, computador, smartphone e tablet (Leonardo, mediador).

Na internet, no *Google*. No celular (Lia, mediadora).

Pelo *Facebook*, é através dos links de notícia que eu recebo pelo *Facebook* (Miguel, mediador).

Eu pego muito os portais digitais [...] É mais pelo computador (Estela, mediadora).

Redes sociais *Instagram*, *Facebook*, de blogs, [...], o *Twitter* (Emília, gestora).

Além disso, nota-se que as maneiras mais predominantes de se localizar e compartilhar informações (SAVOLAINEN, 2007) são: livros impressos e digitais, televisão e rádio, revistas e jornais impressos e digitais, interação com pessoas, mecanismos de busca e redes sociais virtuais. É importante lembrar que dentro destas últimas é possível ter acesso a uma diversidade de fontes que envolvem texto escrito, áudio, imagem e audiovisual. E, mais do que acessar e compartilhar, dois participantes chamam atenção para a relevância de produzir e criar informações, para além de apenas ler e disseminar:

E tô me cobrando agora a começar escrever mais, porque eu acho que a teoria, ela tem que tá me ajudando a ver essas coisas da prática (Conceição, gestora).

O *Facebook* [...] tem muito compartilhamento porque as pessoas só compartilham [...] tem pouca produção autoral. [...] Tem gente que quer compartilhar um poema, [mas] um poema que tem que ser um

micro poema, como eu publiquei antes da eleição, no sábado (Sérgio, gestor).

Quando tenho um tempinho eu prefiro inventar alguma coisa [...] Botar a informação pra fora do que botar a informação pra dentro. Acho que a gente tá num mundo atolado em informação (Augusto, mediador).

Ao falar das fontes e canais, os(as) entrevistados(as) sempre tocavam na questão da qualidade das fontes. Assim, em termos de **leitura crítica e competência em informação**, a maioria das pessoas questionadas demonstrou repúdio aos grandes veículos de comunicação de massa impressos ou televisivos, apontando para seu caráter manipulador e tendencioso. Dessa forma, os(as) entrevistados(as) afirmam ser mais cautelosos na seleção das fontes e recorrer aos veículos de natureza mais alternativa, como no caso da professora Ana Clara: “Tento filtrar cada informe e retirar dele o máximo de clareza da ótica da minha realidade, tarefa difícil diante das mídias tendenciosas que temos acesso e das nossas construções pessoais”:

Na maioria das vezes, as pessoas que não leem a fonte, acha que é verdade e multiplica. (Conceição, gestora).

Eu costumo falar muito para meus alunos: vocês têm hoje em dia uma facilidade escandalosa pra receber informação. A grande questão é o filtro dessa informação (Sofia, mediadora).

Esses jornais falam muita mentira. E eles só dão destaque pra aquilo que denigrem as comunidades. Eles não dão destaque pra coisas que funcionam na comunidade. (Vicente, mediador).

Os relatos indicam a preocupação das pessoas entrevistadas com o fenômeno da desinformação e das *fake news*. A falta de leitura e de seleção adequada das informações, por exemplo, é evocada pela gestora Conceição, quando ela retrata o fato de as pessoas não lerem as informações que compartilham em seus perfis nas redes sociais, ocasionando a viralização de notícias falaciosas e prejudicando a compreensão de outras pessoas, devido ao ruído na comunicação:

Eu acho que a *Caros Amigos* é uma visão mais de esquerda, a gente sabe, mas ela tem uma visão crítica, não é uma que quer [...] homogeneizar, ela quer que as pessoas pensem (Sérgio, gestor).

Basicamente eu deixei de assistir telejornal, [...] por conta desses acontecimentos políticos recentes que eu via a manipulação descarada, sempre houve manipulação, mas eu via a manipulação descarada pelos veículos de comunicação, os principais, estão

sempre com o mesmo discurso e um discurso falseado, muito parcial (Miguel, mediador).

Talvez eu, você, outras pessoas que sabem a importância do livro, utilizam a internet mais com esse ar crítico (Sofia, mediadora).

Leio revista. As revistas que tem aqui, *Cult*, *Continente*, por serem uma fonte de informação muito rica. Acho que se todo mundo conhecesse a *Continente* e a *Cult* deixaria de ler a *Veja* da vida. Tem muita coisa interessante ali que fala de cultura. Eles falam muito sobre cultura até projetos que funcionam mesmo. Coisas que acontecem que funcionam e isso é imprescindível pra mim (Vicente, mediador).

Observamos, portanto, uma relação existente entre a conduta leitora e informativa dos(as) entrevistados(as) para com seus contextos pessoais e sociais, sobretudo na concepção de Courtright (2007), para quem existe uma interação dinâmica e complexa entre as pessoas e a informação e destas com relação aos fatores políticos, tecnológicos e culturais de modo mútuo, em que as pessoas não são apenas formadas pelo contexto, mas fazem parte dele também.

Cabe aqui uma consideração, pontuada por Castrillón (2011, p. 79), para quem a biblioteca “[...] deve contribuir para encontrar soluções ao problema da desinformação, originado da manipulação que a mídia faz da informação”. Dito de outra maneira, deve agenciar espaços de debate para a discussão desses temas, pois, continua a autora, “[...] da mesma maneira que a sociedade civil se organiza para conseguir o aperfeiçoamento da qualidade de outros produtos e serviços, ela poderia fazê-lo para exigir melhores condições de informação [e comunicação] e nisso a biblioteca tem um importante papel” (CASTRILLÓN, 2011, p. 79).

Outro apontamento que queremos destacar refere-se à concepção de que a interação com a informação dá-se de um modo interpretativo entre a realidade objetiva e a significação subjetiva dessa realidade, de modo individual e social (BERGER; LUCKMANN, 2014). De forma direta, isso ficou visível nos exemplos de busca de informação que os(as) depoentes estavam fazendo no momento, tais como: para pesquisa sobre “formação de leitores”, consultar colegas especialistas (Conceição, gestora); para “elaboração do programa infantil”, ler jornais impressos, (Augusto, mediador), para “montagem de uma Bebeteca”, visitar outras bibliotecas (Glória, gestora). Isto é, a procura de informações que estão diretamente ligadas às demandas relacionadas aos seus

trabalhos com a biblioteca e a escolha do tipo de fonte que consideram mais adequada para cada busca, revelando assim a dimensão social desse processo.

De modo mais amplo, quanto à abordagem prática de olhar a motivação social da interação com a informação e a **natureza social dessa busca** (COX, 2012), foi possível perceber que há um ideal em comum nos discursos das pessoas que integram a Releitura-PE, em relação à preocupação com a *práxis* e que essa relação se dá de um modo dialético, numa retroalimentação entre teoria-prática cotidiana:

Os editais, [...] coisas sobre o feminismo (Emília, gestora). Colocar em prática Paulo Freire, botar em prática [...] nós estamos em crise de intelectualidade porque as pessoas não fazem e já estão fazendo teoria, teoria e teoria, e não estão na prática, eu não acredito em teoria sem prática. Não posso ficar só na teoria e a Rede [Releitura] é a vida da prática, entendeu? E é muito bacana ver a Rede colocando em prática coisas que a gente aprendeu junto (Conceição, gestora).

E assim, eu sempre gostei muito de Paulo Freire, então eu usava muito aquela prática de Paulo Freire, que você usava coisas [recursos do cotidiano e universo vocabular do(a) estudante] para eles aprenderem a ler [...] e eles aprenderam a ler (Glória, gestora). Fontes de esquerda e outras fontes que não são de tendência esquerda, são de direita, mas são muito sérias. (Conceição, gestora). Porque eu sou de esquerda, mas [quando] você vai dialogar às vezes no Facebook é bom você dialogar com a fonte [direita], é um pouco também da academia, você vai dialogar com autor, vai criticar o autor é bom você criticar o autor por dentro, ou seja, utilizando o próprio referencial teórico do autor (Miguel, mediador).

Assim, o uso da competência leitora e informacional por essas pessoas, com fins de apropriação, é feito tanto em busca da realização de uma satisfação fundamental de suas vidas, que é a de ler, instruir-se e formar-se no sentido humanitário, como também em busca de um corpo de conhecimentos e habilidades para uma melhor condução de seus espaços, tomadas de decisão, ativismo nas lutas sociais em busca dos seus direitos, de políticas públicas para o setor e de melhorias da qualidade de vida social e educacional da sua comunidade.

6 Conclusões

Este artigo procurou apresentar como as pessoas que integram o coletivo Releitura-PE interagem com a biblioteca comunitária, quais são as práticas

leitoras e informacionais desenvolvidas em tais espaços e o que estas três dimensões (biblioteca, leitura e informação) significam para eles(as). Podemos concluir que a biblioteca comunitária é um lugar de convivência onde ocorrem significativas e ricas práticas leitoras e informacionais.

Evidenciou-se que, de maneira dialética, os sentidos atribuídos às leituras alteram as relações subjetivas e as relações comunitárias dos(das) integrantes da Releitura, e, ao mesmo tempo, tais relações, de forma recíproca, também interferem em suas práticas leitoras e informacionais. O ato de ler e de se informar, no contexto analisado, é carregado de interferentes históricos e ideológicos, e a seleção de fontes de informação e leitura não é feita de forma aleatória ou passiva, muito menos neutra. Essas escolhas são condizentes e correspondentes às perspectivas políticas e sociais destas pessoas, na tentativa de se manterem críticas em meio à manipulação midiática e, ao mesmo tempo, agenciando e conduzindo estratégias inteligentes de se informarem para aquisição de recursos e parcerias em prol de manter seus espaços.

É importante dizer, por fim, que as bibliotecas comunitárias são espaços de constantes práticas de leitura e de informação. Como equipamentos sociais, elas produzem, fomentam e compartilham tais práticas, a fim de fortalecerem as ações comunitárias locais e ampliarem as possibilidades e oportunidades das pessoas que nelas vivem. À Ciência da Informação e à Biblioteconomia cabem continuar investigando essas relações e participando dessas práticas, tão caras e essenciais a ambas as áreas.

Agradecimentos

À Rede de Bibliotecas Comunitárias, Releitura-PE, pela disponibilidade para participar deste estudo e pelo que representa na luta pelo direito à leitura, literatura e bibliotecas.

Aos(As) pareceristas e a revisora desta Revista, pelos apontamentos fundamentais para a melhora do artigo.

À Gabriela Lins Falcão, Ester Caland Rosa, Anna Elizabeth Galvão, Diego Salcedo e Álvaro Vinícius Duarte pela revisão e contribuições para aprimoramento do texto.

Referências

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL, 1997.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira. (org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007, p. 33-45.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, ANCIB, v. 2, n. 1, p. 89-103, 2009.
- ALVES, Mariana de Souza. **Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em Rede da Releitura-PE**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- ANDRADE, Rafael do Nascimento. **Entrevista informal**. [Entrevista concedida a] **Mariana de Souza Alves**. Recife, 02 mar. 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Práticas de leitura. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva *et al.* (Org.). **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG, 2020.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BIBLIOTECA COMUNITÁRIA AMIGOS DA LEITURA. **Manual de Procedimentos técnicos**. [S. l.: s. n.], 2013.
- BIBLIOTECA MULTICULTURAL NASCEDOURO. **Breve histórico da organização**. Pernambuco, 2007. Disponível em: <http://bibliotecanascedouro.blogspot.com.br/>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- CAMPELLO, Bernadete *et al.* Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos? **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1. p. 1-29, 2012.

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: LIMA, Aldo de (org.). **O Direito à Literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 17-40.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.

CARNEIRO, Daniele. **Guia prático para bibliotecas comunitárias**. Curitiba: Magnolia Cartoneira, 2016.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CEPOMA. **About me**. 2008. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/09338111857942863684>. Acesso em: 29 mar. 2016.

COQUE VIVE. **Coque**. [2007?]. Disponível em: <https://coquevive.wordpress.com/coque/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014.

COURTRIGHT, Christina. Context in Information Behavior Research. **Annual Review of Information Science and Technology**, Hoboken, v. 41, p. 273-306, 2007.

COX, Andrew Martin. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, London, v. 38, n. 2, p. 176-188, 2012.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018. *E-book*.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set., 1983.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, Alexandre Simão. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana**: um estudo sobre o papel das redes associacionistas. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

GRZYBOWSKI, Lurdes (coord.). **Brasília Teimosa**: projeto escola Z – 1. 2. ed. Recife: Liber, 1989.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MACHADO, Nínive Fonseca. **Do Matadouro ao Nascedouro**: a criação de novos espaços de participação juvenil. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MELLO, Gianfrancesco. **Meu bairro, moro aqui**: Alto José Bonifácio. 2012. Disponível em: <http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2012/10/meu-bairro-moro-aqui-alto-jose-bonifacio.html>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MENDES, Felipe. **Coque/Ilha Joana Bezerra**. 2011. Disponível em: <http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2011/05/coqueilha-joana-bezerra.html>. Acesso em: 14 jan. 2022.

NOSSA história. 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecaamigosdaleitura.com.br/>. Acesso em: 26 mar. 2016.

OLIVEIRA, Antônio. Entrevista informal. [Entrevista concedida a] Mariana de Souza Alves. Olinda, 02 mar. 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A polissemia da noção de leitura. *In*: ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1998, p. 7-12.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINTO, Lourival Pereira. Bibliotecas comunitárias: dispositivos de ação. *In*: PINHO, Fábio Assis. **Dispositivos culturais e espaços de memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. *E-book*.

RECIFE prefeitura. **Peixinhos**. [2010?]. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/peixinhos>. Acesso em: 14 jan. 2022.

RECIFE prefeitura. **Pina**. [2012?]. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/pina>. Acesso em: 14 jan. 2022.

RELEITURA. **Bibliotecas comunitárias em rede**: para tecer os futuros nas teias da literatura e da criatividade. [S. l.: s. n.], [2013]. 1 folder. Apoio Instituto C&A, Centro de Estudos em Educação e Linguagem e Centro de Cultura Luiz Freire.

RELEITURA. **Nosso ao redor**. [2007?]. Disponível em: <https://releiturape.wordpress.com/nosso-ao-redor/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SANTANA, Isamar. Entrevista informal. [Entrevista concedida a] Mariana de Souza Alves. Recife, 26 mai. 2016.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e a informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

VIEIRA, Heloisa Maria. **Bibliotecas comunitárias em Belo Horizonte**: atores em cena. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia, M., K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global. 2009. p. 17-39.

The reading and information practices of the people who are part of the community library collective “Releitura-PE”

Abstract: It presents what the library, reading and information represent for the people who are part of the Releitura-PE collective, through the meaning attributed to their reading and informational practices. It uses bibliographic and exploratory research to show which community libraries are studied and to discuss what are reading and informational practices. As data collection instrument, it uses semi-structured interviews to collect testimonies from people who are part of these libraries, such as managers, educators, reading mediators and interactors, and analyzes and categorizes the narratives through of the Content Analysis technique, by Laurence Bardin. It exposes, in three categories of analysis, the forms of interaction with the library, the meanings of reading and the meanings of information of the members of Releitura-PE. It points out that the community library is a place of acquaintanceship where significant and rich reading and informational practices occur. As social equipment, they

produce, encourage and share such practices in order to strengthen local community actions and expand the possibilities and opportunities of the people who live in them. It concludes that the meanings and the attribution of meaning given, by the subjects, to their reading and informational practices are reflected in their social actions, showing that the contextual, cultural and ideological interferences participate, in a dialectical way, in the way they read and inform themselves, as well as how they relate to the community library.

Keywords: Community; Reading; Information; Library network; Pernambuco

Recebido: 17/08/2021

Aceito: 17/01/2021

Declaração de autoria

Concepção e elaboração do estudo: Mariana de Souza Alves.

Coleta de dados: Mariana de Souza Alves.

Análise e interpretação de dados: Mariana de Souza Alves

Redação: Mariana de Souza Alves.

Revisão crítica do manuscrito: Mariana de Souza Alves.

Como citar:

ALVES, Mariana de Souza. As práticas de leitura e de informação das pessoas que integram o coletivo de bibliotecas comunitárias “Releitura-PE”. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, e-117736, jul./set. 2022. <https://doi.org/10.19132/1808-5245283.117736>



¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, conforme parecer consubstanciado de número 1.588.461 de junho de 2016 e cumpre todos os requisitos quanto aos Termos de Consentimento e Termos de Compromisso, os quais podem ser conferidos em Alves (2017).